

Empresários criam frente contra a fome

AJ11870-1

Olavo Rufino



Betinho foi a Duque de Caxias conhecer a Favela do Lixão

ZUENIR VENTURA

Ao meio-dia da terça-feira passada, o senador Albano Franco, presidente da Confederação Nacional da Indústria, se reuniu com o sociólogo Betinho de Souza na sede do Instituto que este dirige no Rio. Os dois conversaram mais de uma hora. No final, estava selado um acordo histórico. A CNI acabava de embarcar no programa de Betinho contra a fome e a miséria. A Frente Empresarial estava criada.

Albano Franco ficou entusiasmado com “o carisma” do interlocutor e com o que ouviu. “Vim aqui achando que ia encontrar um sonhador, um poeta romântico querendo acabar com a fome”, disse, repetindo mais ou menos o que muita gente pensa de Betinho. “É encontrei um projeto para o país, um projeto de retomada de desenvolvimento.” Albano marcou logo uma outra reunião na primeira semana de maio no Rio com os 27 presidentes de federações estaduais de indústria. A CNI já começou a agir.

O vírus da Aids que Betinho carrega faz com que ele, como a fome, tenha pressa. No dia anterior, ele recebera o deputado Miro Teixeira, um aliado da primeira hora e articulador da Frente Parlamentar pela Cidadania. Na quinta-feira, passou a manhã em Caxias, na Baixada Fluminense, visitando com Dom Mauro Morelli a Favela do Lixão, um infecto aterro onde moram 1.500 famílias.

Como o senador, o deputado acredita que o *santo* Betinho, diabolicamente, está “em boa hora colocando em questão o nosso modelo econômico”. Betinho acha que é isso mesmo: sem mexer no modelo, não adianta combater a fome. Betinho é santo mas não é bobo. Ele explica rindo: “Já disse ao ministro Eliseu Resende que não tenho vocação de Madre Teresa de Calcutá: Não vou ficar tratando da miséria de um lado e a política econômica produzindo miseráveis do outro.” (Continua na página 16)

Continuação da 1ª página

Brasil da miséria dá lição de esperança

Favela confirma o que Betinho já sabia: o pobre tem vocação para a felicidade. O que atrapalha é a política econômica

Fotos de Olavo Rufino

O encontro com o senador Albano Franco e a visita à Favela do Lixão reforçaram em Betinho a convicção de que a prioridade do Brasil é o combate à fome e à miséria. Do presidente da CNI, ele ouviu o que já vem dizendo: o país precisa acabar com a inflação, tem que gerar novos empregos e realizar várias reformas. Mas tem também que "dar comida aqui e agora". Na favela ele veria, se já não soubesse, o que é capaz de fazer com as pessoas a política econômica que quer mudar.

Às 8 da manhã de quinta-feira, Betinho partia para a Baixada Fluminense em companhia do deputado Miro Teixeira para encontrar D. Mauro Morelli, seu companheiro de cruzada, e o padre Armando Cellere. Lá, no Lixão, a dez minutos do Centro de Caxias, Betinho passou mais de duas horas no meio da miséria, sob um calor não registrado. Como as autoridades, os termômetros não chegam ali. Aliás, ali só chega a Igreja de D. Mauro e é por isso que muitas das famílias não morrem de fome.

Por aquele terreno sujo e empoeirado, Betinho anda com passos miúdos, arrastados, não pelo peso que carrega — 47 quilos —, mas por causa de uma artrose que a hemofilia lhe depositou nas juntas. Um tropeção, um vento mais forte pode derrubar aquela armação de ossos coberta só por uma camada de pele. Todo mundo sabe o que significa um ferimento, qualquer um, para um hemofílico. Mas Deus é grande. Ele segue rindo, fazendo piada, brincando com as pessoas. A cena é comovente, mas é preciso conter a emoção. Betinho detesta drama. Antes do vírus da Aids, ele adquiriu um outro mais resistente: o da esperança.

Na favela, tudo é feito de lixo: aterro, barracos, móveis e até calcinhas e biquínis que uma moradora fabrica com retalhos recolhidos do entulho. Do lixo é tirado o alimento diário: são muito apreciados os restos de supermercados que chegam nos caminhões: frutas *passadas*, conservas mais ou menos estragadas, arroz mofado.

É um arremedo de bairro, desolador. O que seria um riacho cortando as duas ruas principais é um pântano viscoso, escuro e fétido, sobretudo fétido. O olfato é o sentido mais agredido das sensibilidades urbanas que por

"Nada me abate" — Maria de Fátima, uma mulata de 30 anos, 58 quilos e corpo de modelo, ficou "morrendo de inveja" quando Betinho disse que sua mãe teve 16 filhos. Ela se sentiu humilhada por ter *apenas* seis. Mas espera chegar lá, embora esteja separada. Não agüentava ver o companheiro reclamando: "Além de não trazer comida pras crianças, ainda ficava se queixando de não ter conseguido. Mande ele andar."

Por que tanta alegria, Fátima? Ela responde com uma curiosa definição em que a pobreza aparece não como fatalidade, mas como contingência, como de fato é. "Eu não me considero pobre. Não tenho é condição de vida." Fátima foi o melhor exemplo de "cidadã brasileira" que Betinho encontrou. Sua vocação para a felicidade foi resumida em um desafio à adversidade: "Não adianta, nada me abate!"

O casal Abdísio e Zélia, 47 anos de casamento, 13 filhos, 40 netos e três bisnetos, mora no barraco de maior status da favela. Tem um buraco no chão de onde sai água por um cano e, na sala, duas velhas televisões. O mistério se explica: um aparelho pega a imagem e o outro o som. Como os outros moradores, dona Zélia gosta do Lixão por causa da tranqüilidade. Como não tem tráfico de drogas, também não tem violência.

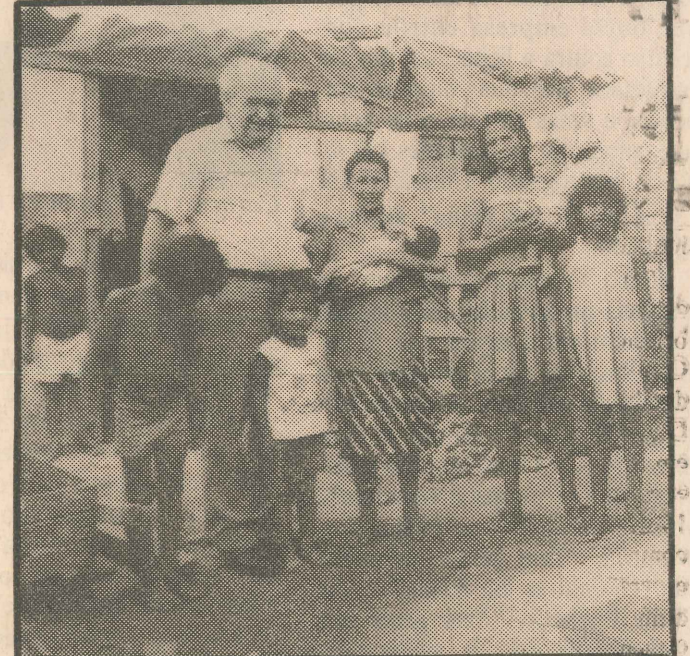
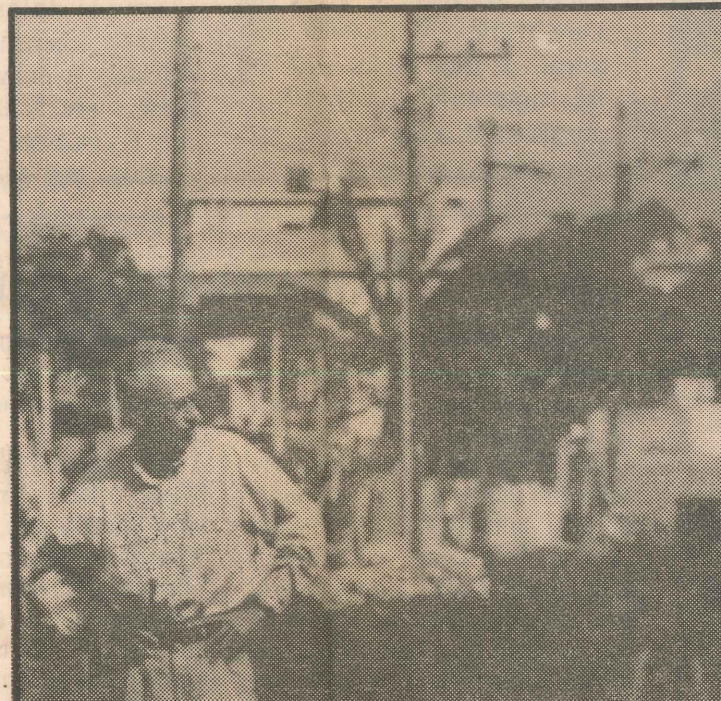
"Minha Zélia" — "O meu sonho tá realizado", ela diz, cheia de felicidade. Abdísio, um pernambucano com cara de holandês, cujo nome parece uma corruptela de Anísio, faz a inevitável brincadeira: "Eu não troco com Chico Anysio a minha Zélia pela dele."

A Favela do Lixão tem um ídolo: o padre Armando Cellere. Quase todas aquelas famílias foram cadastradas por ele e sua equipe. O assédio que lhe fazem inclui todo tipo de pedidos e problemas. Procura atender, mas sem demagogia ou paternalismo. Faz saber que os tíquetes de alimentação são um direito, não um favor. Mas exige ordem, às vezes até com rispidez. Parece difícil alguém da comunidade usar os tíquetes para outros fins.

Padre Armando sabe de pronto



Natália, 8 anos, e os muitos irmãos: na casa "mais grande" da Favela do Lixão, ratos e enchentes não impedem a visita da alegria



Ajuda de D. Mauro evita que a fome mate suas ovelhas

do mais agredido das sensibilidades urbanas que por ali se aventuram. O olhar pode ser desviado, mas o cheiro acompanhará o visitante, a distância, por muitas horas.

Nos casebres, a possibilidade de vida parece tão impossível quanto o precário equilíbrio das paredes. Encostar nas divisórias de madeira e papelão, ainda que de leve, pode ter o efeito de uma demolição. Sabe-se que se está na cozinha por causa do tosco fogão de barro; a sala é o

lugar onde um caixote serve de mesa; uma tábua com esteira significa que se está no quarto — isso quando os equipamentos não estão entulhados no mesmo cômodo.

Natália, 8 anos, que se encantou com Betinho, mora numa dessas casas, “a mais grande”, diz com orgulho. Na falta da mãe, grávida, que está fora, ela faz questão de mostrar os três cômodos, começando pela cozinha, onde há uma geladeira imprestável que funciona como armário. Ela mora com Elizário, 5 anos, Edivaldo, 6, Naiara, 4, Hélio, 3, e os outros de que não lembra a idade: Lenaldo, Erinaldo, Maria das Dores, Navegante (esta mudou-se ao casar) e Valesa, que de repente ela lembra que morreu.

Visitantes noturnos — Sua matemática não consegue distribuir, à noite, todos os moradores nos três cômodos. Acaba desistindo: “Sei lá, a gente se amontoa.” Ela não se queixa de morar ali, a não ser pelas noites, quando os ratos se incluem entre os moradores, e pelos dias de chuva, quando tudo fica inundado. A vida para Natália não deve ter mistério. Naquele espaço sem privacidade, ela certamente assistiu ou ouviu a geração de todos os irmãos.

Betinho saiu convencido de que outra tese sua também está certa — a de que a desesperança é uma doença das elites, além de mau humor e depressão. Aparentemente, ele tem razão. A disposição das pessoas, a alegria, a esperança não parecem ter nada a ver com a miséria em que vivem — uma miséria iníqua, indecente.

Zilá, a que fabrica calcinhas, passou o tempo todo mexendo com o deputado Miro Teixeira: “Leva uma calcinha dessas pra sua amante. Ou não tem?” Depois, serviu café para as visitas, um café feito — como confessou com naturalidade — com pó recolhido do lixo. Estava particularmente contente porque a filha conseguira na véspera comer um delicioso peixe — que ninguém, depois da confissão do café, precisou perguntar de onde saía.



sabe de pronto quanto custa dar educação e duas refeições diárias a uma criança: US\$ 35. Para ajudar, basta a um casal deixar de jantar uma noite em um restaurante razoável, mas nenhum brasileiro contribui

Naquela mesma manhã, na paróquia, podia-se ver padre Armando administrando as contas de alimentos para outros necessitados. Com um cheque do Unibanco de Cr\$ 2.595.000, ele ia pagar o pão e o leite para nove famílias. Com outro de Cr\$ 17 milhões pagaria outra conta de uma semana. Uma senhora, com um livro de contabilidade, conferia os números. Aquele decididamente não era o país de PC.

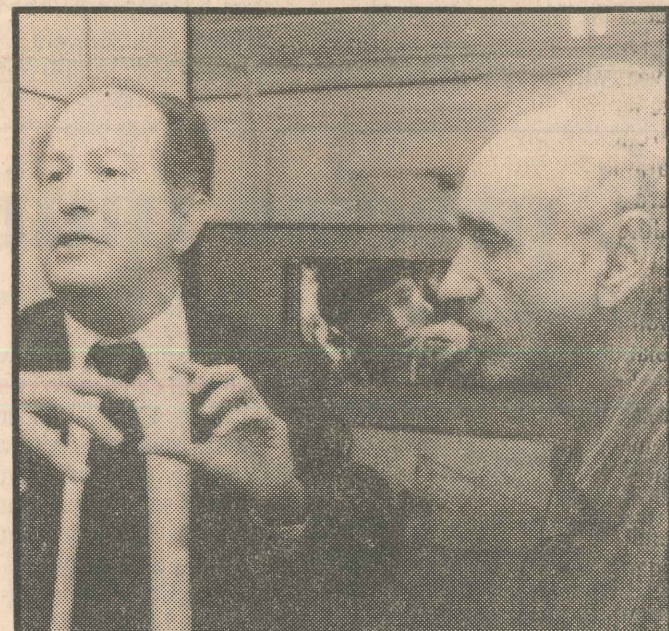
Esse controle permite que em um segundo se informe quanto custa, por mês, alimentar uma criança duas vezes por dia e lhe dar educação durante quatro horas diárias: 35 dólares. Quando disse isso a alguns italianos que o visitaram recentemente, eles se prontificaram a fazer doações. Mandam mensalmente 50 mil liras, ou 35 dólares ou menos de Cr\$ 1 milhão. Nenhum brasileiro fez o mesmo, talvez porque não tenha descoberto ainda que para isso basta a um casal deixar de jantar uma noite em um restaurante razoável. Insensível classe média essa que, enquanto isso, é capaz de doar mais de Cr\$ 28 bilhões para a campanha da monarquia. Com um poço do Inocência, padre Armando dava um banquete infantil várias vezes por ano. Com o que foi gasto na Casa da Dinda, ele transformaria a Favela do Lixão num paraíso. Juntando as fraudes do INSS com os cheques do PC, seria possível sanear não só essa, mas grande parte das favelas do Rio.

Olhando aqueles três honrados cidadãos brasileiros — Betinho se arrastando por aquelas vielas infectas, D. Mauro Morelli atendendo aqueles miseráveis e o padre Armando tomando providências para matar a fome das crianças —, o deputado Miro Teixeira disse: “Três exemplares cidadãos brasileiros!” André Luís, 22 anos, procurador da Associação dos Moradores, versão pobre dos *caras-pintadas*, completou: “Nesses eu acredito.” (Zuenir Ventura)



Betinho: um passageiro da utopia que gosta de chegar ao destino

Ajuda de D. Mauro evita que a fome mate suas ovelhas



Albano (E), com Betinho: “Comida aqui e agora”

E onde estão os jovens?

A adesão dos empresários ao programa de Betinho contra a fome é expressiva porque a CNI representa 27 federações, como a Fiesp e Firjan, e tem 280 mil indústrias filiadas em todo o Brasil. O Sesi e o Senai estão espalhados em 600 municípios brasileiros e a idéia é colocar suas estruturas a serviço da campanha contra a fome. A CNI tem algumas importantes ações emergenciais no Rio, em Pernambuco, no Ceará, Rio Grande do Sul e do Norte, e espera expandi-las para mais 5 estados.

Entre as entidades que já se engajaram ou que estão para se engajar, figuram, além da CNI, a CUT, a Contag, igrejas católicas, pentecostais e espíritas (a articulação é ecumênica), a Frente Parlamentar, todas as universidades, através dos conselhos de reitores, Associação Brasileira de ONGs (são 180 filiadas mas há cerca de 2 mil entidades), OAB,

com as seccionais de todo o país, os funcionários do Banco do Brasil, o SBT, a agência Denison de Propaganda, o Instituto Herbert Levy.

Diante dessa avalanche de adesões, é estranha a ausência dos *caras-pintadas*. Eles não sabem o que estão perdendo. A geração de 68 ficou na história não por causa de suas lutas contra mensalidades, mas porque perseguiu uma utopia: a revolução. Pode não ter mudado o país como queria, mas sem os anos rebeldes teria sido muito difícil reconquistar a democracia — imperfeita, injusta, mas democracia.

Para a geração que derrubou Collor, não há utopia melhor do que perseguir a justiça social. Pode até não conseguí-la já, mas deixará como legado a lição de que não ficou parada diante da miséria como se ela fosse uma fatalidade. Lutou e denunciou a fome como escândalo e iniquidade.

Betinho é um passageiro da utopia que gosta de chegar ao destino. Quem embarcou com ele no Movimento Pela Ética na Política sabe que valeu a pena a viagem. (Z.V.)